

Com mais concorrência e novas tecnologias, seguradoras driblam as dificuldades da economia e conquistam novos clientes

Nos últimos anos, ter um seguro de automóvel se tornou quase um item de primeira necessidade nas grandes cidades brasileiras. Além do aumento generalizado de roubos e furtos, a expansão da frota de veículos mais novos — e, obviamente, mais caros — levou muitas pessoas a dar maior atenção à necessidade de proteger o patrimônio de eventuais prejuízos.

Não por acaso, o mercado de seguros no Brasil cresceu 7,5% no primeiro semestre desse ano na comparação com o mesmo período de 2017, segundo a Federação Nacional de Seguros Gerais (FenSeg). Ao longo de todo o ano de 2017, a receita da indústria brasileira dos seguros superou a casa de R\$ 38 bilhões. O presidente da entidade, Eduardo Dal Ri, atribui o avanço do setor a fatores como o aumento da concorrência e o barateamento dos custos para os clientes.

“O mercado segurador vive um momento de recuperação e de otimismo, motivado pela confiança no reaquecimento gradual da economia”, afirma o executivo, que também é vice-presidente das divisões de Automóvel e Massificados da SulAmérica Seguros. “Essa confiança é ainda mais nítida no segmento de automóveis. No ano passado, as apólices de automóveis geraram R\$ 21,4 bilhões em pagamento de indenizações e benefícios.”

Um fator que também impulsiona o mercado brasileiro de seguro de automóveis é a forte recuperação da indústria automobilística, que neste ano está crescendo, mês após mês, a um ritmo de 20% em relação às vendas de 2017. Além disso, mesmo com a recessão nos últimos anos, o Brasil mantém um papel de destaque no mercado automobilístico internacional, ficando em 9º lugar no ranking dos maiores fabricantes de veículos, com mais de 2 milhões de unidades por ano.

“Não é de hoje que o Brasil é um dos mercados mais cobiçados pelas seguradoras do mundo todo, tanto pelo potencial de crescimento para os próximos anos quanto pelas possibilidades de diversificação”, disse o CEO da seguradora italiana Generali, Antonio Cassio dos Santos, responsável pelas Américas e mercados do Sul da Europa, que abrange Grécia, Portugal e Turquia.

O mercado de seguros vive, no entanto, realidades distintas no país — e ainda é algo caro para boa parte da população. Um levantamento realizado pela Tex Tecnologia, plataforma de cálculo para corretoras de seguros, mostra que o brasileiro paga anualmente, em média, R\$ 3.587 por um seguro de automóvel. Considerando que a renda média não chega a R\$ 1,2 mil, é fácil entender porque apenas 20% dos automóveis da frota circulante estão protegidos.

A depender do Estado, o seguro pode custar até três vezes. Roraima é o local que, a julgar pelo preço cobrado, mais preocupa as empresas do setor. Lá, o valor médio anual das apólices é de R\$ 8.720. “O valor do seguro, seja qual for ele, é diretamente proporcional ao risco de perdas das seguradoras”, afirma o economista Carlo Meneghetti, especialista em análise de riscos e seguros. “Estados que fazem fronteiras com outros países, como é o caso de Roraima, costumam ter custos maiores pela facilidade de tirar o veículo do alcance das autoridades brasileiras”, acrescenta.

No outro extremo, o Estado brasileiro com seguro mais barato é Santa Catarina, com média de R\$ 2.932. Ainda segundo a Tex, o caos na segurança pública do Rio de Janeiro, apesar da intervenção do Exército, elevou em 28% os custos dos seguros neste ano, com média de R\$ 4.187 ao ano, mais do que a média paga pelos paulistas: R\$ 3.273.

O Norte possui os seguros mais caros do País. Os sete estados da região se encontram entre os 12 que têm o seguro mais pesado para o bolso do cliente. Já no Nordeste, Pernambuco e Rio Grande do Norte são os estados que se destacam por terem o seguro mais barato, no valor de R\$ 3.194 e R\$ 3.074, respectivamente. “São vários os fatores que impactam na formação da média de cada Estado, entre eles o número de veículos segurados e o perfil dos modelos mais procurados. Entretanto, os índices de violência, que refletem no número de sinistros, acabam sendo o fator

mais importante na definição do prêmio”, diz Emir Zanatto, diretor de operações da Tex. “Isso explica, por exemplo, porque o seguro é mais caro no Rio de Janeiro do que em São Paulo.”

Diversificação

No embalo do crescimento do setor surgem as chamadas insurtechs, que são resultado da junção das palavras insurance (seguro) e technology (tecnologia). Assim como as fintechs, as agtechs e tantas outras startups disruptivas, essas empresas surgiram com o propósito de revolucionar o setor.

É o caso de companhias como Tex, Iq Seguro Auto, Bidu, Youse, Minuto Seguros e ThinkSeg. As insurtechs “falam” a mesma língua dos consumidores e suprem as suas novas exigências. A principal promessa dessas startups é que, com mais agilidade e menos burocracia, sejam garantidas, em pouco seguros, as entregas de propostas de um bom seguro de automóvel.

Fonte: [Correio Braziliense](#), em 28.08.2018.